

## “Com os olhos fechados”

Jorge Kantor<sup>1</sup>

### Introdução

Todos guardamos fotografias. São perfeitas para que cada vez que voltemos a vê-las, recriemos novamente os tempos idos. Algumas delas penduramos nas paredes da casa, como para que quando caminheiros pelos corredores e entremos nos quartos, encontremos pequenas janelas que nos transportarão a outros espaços/tempos em que esse outro que fomos, aí onde já não estamos, sorri para nós, nos olhe com seriedade ou nos mostre um pedaço do que alguma vez foi e que agora, no eterno presente em que vivemos, volte para nos dizer que existiu alguma vez.

Ao transformar algo em uma fotografia, fazemos que abandone o presente de onde foi extraído, para passar a fazer parte do conjunto do nosso passado. Toda fotografia é, por definição, um artefato do passado: um artifício que nos permite voltar a ver a entediante visita à casa da tia antipática ou ver de novo, na distante festa de aniversário, a grande torta de chocolate e as velinhas acesas.

Há fotos antiquíssimas, como perdidas em um tempo que existiu antes de nós. Fotografias em preto e branco, para vê-las lentamente nas “... noites de insônia/com as pupilas cheias de assombro”, como canta Gardel.

Há também fotos recentíssimas, produzidas no outro lado do espectro temporal: fotografias recém tiradas, apenas uns segundos atrás e que são transmitidas instantaneamente ao mundo virtual, para que os demais as vejam e as distribuam.

Então, a tarefa de escrever aproximadamente mil quinhentas palavras sobre a fotografia, para um psicanalista que lhe ensinaram que nas sessões devemos exclusivamente escutar, com atenção flutuante, o que dizem as pessoas na análise, que se deve ter os olhos bem fechados, como se a função analítica se ativasse, o ouvido se tonifica e uma espécie de cegueira nos sobrevém, por isso escrever sobre algo que só se pode ver, as fotografias, é para mim uma espécie de contradição lógica.

Para resolver o dilema, me enfocarei em situações clínicas nas quais as fotografias tiveram um valor particular ou revelador dentro dos relatos que escuto das pessoas no consultório, com os olhos bem fechados.

### Relato n° 1

---

<sup>1</sup> Membro Titular da Sociedade Peruana de Psicanálise (SPP)

Um pouco envergonhado, um jovem integrante da geração Z, contou ao seu psicanalista que quando era um menino pequeno e via as fotos antigas nos álbuns de fotos das pessoas mais velhas, pensava que as coisas antes, o mundo e os seus conjuntos, eram assim, em preto e branco.



Havia uma certa lógica no seu raciocínio, quando pensava isso sendo uma criança, tudo ao seu redor era colorido: a televisão, as imagens na tela, em todas as telas, eram coloridas e estas refletiam o que ele via ao seu redor, isto é, as coisas eram coloridas, como é o mundo.

Portanto, se os ecos do mundo que se viam nas fotos antigas dos seus pais e avós estavam em preto e branco, o mundo que se refletia nessas fotografias deveria ter uma cor semelhante e, desse modo, o passado deve ter sido assim, incolor, um raciocínio isomórfico impecável.

Agora, como para o avião e as naves espaciais, o celular e os notebooks, os computadores e para tantas coisas mais, haveria chegado o Tecnicolor.



Pois bem, a evolução de como, este jovem da geração Z, um dia se deu conta de que estava equivocado e que o mundo sempre havia sido colorido, acompanhou um momento o processo psicanalítico em que ele compreendeu que a sua conexão com o mundo e a maneira em que estava entendendo a si mesmo se parecia a essa confusão infantil com a natureza das cores do mundo. Ao se entender a si mesmo de um modo binário: “isto é preto ou isto é branco”, não apenas deixava de lado os tons cinzentos

que há entre os polos senão o que era ainda pior, perdia também toda a gama de variações e diversidades que a vida tem em abundância.

## Relato n° 2

Para um homem com seus 30 anos, as fotografias que adornam a parede do lado da escada da casa dos seus pais fazem parte de uma operação mental complexa, melhor dizendo, essas fotografias familiares representam um problema muito sério para ele.

Isto devido a que cada vez que tem que subir ou descer as escadas, inexoravelmente se põe em marcha um mecanismo obsessivo/compulsivo.



As fotos familiares que estão penduradas ao lado da escada da casa dos seus pais têm imagens com uma altíssima carga emocional para ele. Todas e cada uma das fotos têm um valor positivo ou negativo, em diferentes graus e, embora a valorização possa variar de acordo com circunstâncias particulares, nenhuma lhe é indiferente.

A sua primeira intenção é passar ao lado delas velozmente e não chegar a ver nenhuma e desse modo evitar o início do mecanismo obsessivo/compulsivo. Mas, muitas as vezes isso não funciona, não se contém e dá uma olhada a alguma delas e, então, o artifício se ativa e começa a se desenvolver o dispositivo obsessivo/compulsivo.

Digamos que uma manhã qualquer, enquanto desce tentando não olhar para o lado, não consegue evitar de ver a foto do passeio familiar que tem um valor negativo predeterminado, imediatamente se desata a engrenagem inevitável: deve olhar rapidamente para outra foto, alguma que equilibre o valor que deu à primeira, com a esperança de que esta segunda foto gere um valor na sua mente, de tal modo que equilibre a perturbação causada pela primeira foto.

Porém, muitas vezes, a segunda foto piora as coisas ou não é suficiente como para equilibrar o que a primeira desatou e deve continuar vendo mais fotos até chegar a

algum tipo de equilíbrio. Outras vezes, a segunda foto supera enormemente à primeira e se sintia tentado a olhar mais uma para ver se continua avançado no campo positivo. Assim, para este homem, descer ou subir pela escada significa um custo psíquico enorme.

Esta é uma operação em que estive envolvido desde pequeno, certamente teve períodos mais intensos que outros e desenvolveu estratégias para mitigar o conflito, as quais invariavelmente fracassavam.

Entretanto, em uma das suas tentativas para solucionar isso conseguiu vislumbrar algo mais do que estava lhe acontecendo. Essa vez pensou que se colocasse uma foto nova na parede, uma que fosse uma espécie suficientemente poderosa como para que resistisse a arremetida das fotografias que percebe negativamente, talvez sabendo que estava ela aí, conseguiria passar pela escada sem sentir a tentação de fazer a avaliação fotográfica a qual estava habituado.

Mas a estratégia fracassou. Onde colocar a foto salvadora se transformou em um problema. E só uma foto não era suficiente, então, pôs uma no início e outra no final, para resolver o assunto de que cada vez que tinha que subir, depois tinha que descer.

Eventualmente, percebeu que teria que pôr muitas fotos novas para contrabalançar a má vibração que emanava das fotografias da parede e que o espaço a sua disposição não seria suficiente, porque teria que encher várias paredes. Então, começou a compreender, finalmente, o que lhe angustiava do legado familiar, representado pelas fotografias ao lado da escada, era para ele uma carga descomunal sobre os seus ombros.

### Relato n° 3

O último relato tem relação com uma fotografia que está pendurada no meu consultório e que em algum momento gerou uma introspecção a uma pessoa que vem à análise. Trata-se de um *millennial* que costuma fazer comentários sobre a decoração do consultório.

Uma fotografia em particular, que reproduzo aqui, pendurada em uma parede do meu consultório, serviu-lhe para fazer uma introspecção em dois tempos.



Na fotografia se podem ver três cachorros, dois deles estão deitados e um terceiro está sentado afastado dos primeiros. Os dois primeiros parecem ser cachorros labradores e o terceiro um dálmata.

A primeira reflexão sobre a fotografia que o *millennial* faz é que lhe parece que os dois primeiros cachorros estão muito cómodos, ali deitados onde lhes esquentam a luz solar, enquanto que ao dálmata não lhe interessa ter o raio de sol sobre si e o que lhe parece importante é resguardar a propriedade.

Neste primeiro momento, identifica-se com o dálmata, ele tampouco busca a comodidade, se vê a si mesmo alerta diante dos perigos que estão à espreita. Despreza a suntuosidade dos dois labradores, preocupados apenas em aproveitar o calor do sol a essa hora do dia, sem ter a atitude pétrea do dálmata.

Umás semanas mais tarde, a perspectiva mudou, advertiu que os dois cachorros deitados olhavam para a câmara e que percebiam a presença do fotógrafo, enquanto que o dálmata estava olhando absorto para outro lado, talvez muito concentrado. E não só isso, a posição do dálmata fez com que ele olhasse mais perto e se deu conta de que o dálmata da foto não era um cachorro de verdade senão uma estátua tamanho natural.

Isso o levou a pensar que a sua identificação com uma figura sem vida refletia a maneira em que estava tentando ocultar a si mesmo certas verdades, as que recém agora estava sendo possível começar a compreender.

FIM

---

Tradução: Sirlei Reginatto

